

## DO IMAGINÁRIO A IMAGEM: USO DE ELEMENTOS HEBRAICOS NA IMAGEM NEOPENTECOSTAL BRASILEIRA

Hugo Wesley Oliveira Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo é fruto da disciplina “dinâmica do pensamento por imagem” ministrada dentro do programa de pós graduação em comunicação e tem por objetivo compreender porque estão sendo usados elementos hebraicos na imagem pentecostal brasileira. Usando como abordagem metodológica o pensamento por imagem, as experimentações emocionais sensíveis despertadas pelas imagens, bem como a compreensão da “explosão” da cultura gospel contemporânea, buscou-se compreender o fenômeno de aglutinação de elementos hebraicos dentro das imagens e imaginário pentecostais brasileiro; bem como suas possíveis causas. Primou-se então uma abordagem híbrida entre uma narrativa do sensível e de causas e experimentações sociais complexas e comunitárias, pois compreendemos que o imaginário é tanto uma partilha coletiva quanto um processo individual de significação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pentecostais; pensamento por imagem; imaginário; experiência sensível

### INTRODUÇÃO:

ao olharmos para o imaginário e as imagens evocadas pelo movimento neopentecostais brasileiros notamos um certo resgate a uma memória da imagem hebraica/judaica, sendo a Igreja Universal do Reino de Deus a denominação que melhor difunde essa estética (muito disso graças a sua visibilidade nacional, bem como ao status e poder por ela adquirido).

Esse resgate a imagem bíblica do povo hebraico e judeu não apenas gerou inquietações nos meios religiosos e seculares, como também uma certa desconfiança quando as motivações por trás desse movimento. Se em um primeiro momento esse movimento parecia ser um viés de diferencial de mercado, logo foi tornando-se um movimento de maior de (re)criação de um imaginário sensível, uma retomada de uma comunidade a uma imaginação “esquecida”. Não pretendemos, com isso, negar o viés comercial que parece haver no seio da igreja, buscamos com isso nos voltar para como a

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduado em Comunicação da UFPE; Bolsista IBPG pela Fundação de Amparo à Ciência e a Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE); e-mail-hugo.wesley2@gmail.com

comunidade que vê a si como uma continuidade do legado bíblico.

Sabemos que não há uma ocorrência sistemática no imaginário das cosmologias neopentecostais, cada uma delas apresentam especificidades e características únicas, mas, não podemos negar que há uma espécie de “acordo” jamais criado (mas firmado mesmo assim), entre os membros dessas comunidades em trazer de volta a estética hebraica/judaica ao seu culto que outrora abolia as imagens. O presente estudo se debruça então na busca por compreender esse movimento de “retomada” de uma imagem milenar hibridizada e atualizada dentro do culto pentecostal contemporâneo. Para isso, passearemos pelo campo da comunicação e da antropologia do imaginário, olhando para essas realidades não como objetos de consumo, mas sim como experiências sensíveis capazes de despertar imagens e sensações no imaginário do sujeito e de sua comunidade. Como método para nossa pesquisa usaremos uma abordagem similar a utilizada por Didi-Huberman (2016), na qual o autor marca um plano central, um norte, e a partir dele traz imagens que perturbam sua mente e as argumenta à luz de acontecimentos que o marcaram, ou marcaram a história, pois, como o próprio autor argumenta, a seleção de informações passadas jamais será neutra ou objetiva.

Buscamos então entender como se configuram essas formas sensíveis, na qual imagens estão sendo (re)criadas dentro desse movimento, buscando com isso compreender, porque estão sendo usados elementos hebraicos na imagem neopentecostal brasileira?

## 1. DO IMAGINÁRIO A IMAGEM

São peculiares as formas e imagens que um grupo/comunidade atrelam a si sem que para isso haja uma plenária um discurso ou mesmo palavras de ordem, há um certo acordo tácito firmado entre os membros de uma comunidade sobre a imagem que os representa. E, de acordo com Duarte (2019), esse acordo nem sempre é feito em palavras pensadas. Esse campo morfogênico que ressoa no imaginário dos membros de uma mesma comunidade é uma força capaz de mudar não só as noções estéticas de uma comunidade, como também a forma de pensar suas imagens e como senti-las.

Dentro do campo pentecostal independente, ou não pentecostalismo<sup>2</sup> brasileiro muito se tem mudado e muito se vem mudando, desde sua chegada às terras pindoramicas<sup>3</sup>. Chegando ao Brasil por volta dos anos de 1980, vindo dos modelos protestantes puritanistas e ascéticos norte-americanos, o culto e as práticas pentecostais, e suas mudanças até o neopentecostalimo, vêm sofrendo uma verdadeira revolução em suas representações, imaginário e usos (CUNHA, 2007). Seus cultos hoje possuem uma forte ênfase na dimensão mística e emocional, bem como no apelo à luta contra o sofrimento e a dor dos fiéis (CAMPOS, 1995).

No tocante a vida sensorial desse grupo, podemos ver que as vestimentas, produções musicais, evangelistas e, principalmente, no entretenimento *gospel* (“evangelho”, em inglês), buscam um resgate da imagem do “povo eleito” (CUNHA, 2014, p. 04). Um resgate aos arquivos bíblicos e do (in)consciente coletivo, que, mais que um discurso, torna-se uma forma de ser no mundo, uma emoção guiada pelas razões da comunidade. Para Gomes (2011), trata-se de uma busca por autenticidade, de construção e resgate de uma memória construída sobre a premissa de um povo eleito por Deus para ser missionário de sua palavra, trata-se de ser uma vez mais o que sempre fora.

Em seu texto, Duarte (2019), deixa claro essa dimensão das imagens que voltam, sem nunca deixarem de ser. Durante milhares de anos os sujeitos que viveram realidades aparentemente distintas as deixaram marcadas nas pinturas rupestres, pinturas essas que compuseram uma obra de arte que durou milhares de anos até o seu atual estado, ainda inacabado. Imagens ali representadas ainda configuram noções do nosso imaginário, o corpo antropomorfo biforme se manifestou nas pinturas rupestres, na antiguidade clássica, na idade média e ainda está presente nos mitos contemporâneos. E, assim com a pintura na caverna Chauvet é uma composição de muitas mãos. A imagem e o mito religioso também são aquilo que Jung (In. PITTA, 2017) chama de arquétipo, fruto do inconsciente coletivo que pode ser visto nas manifestações coletivas sociais,

---

<sup>2</sup> O neopentecostalismo, ou o pentecostalismo independente difere-se do pentecostalismo de missão, ele volta-se para as doutrinas marcadas pelo batismo do Espírito Santo, na satisfação pessoal e ética restritiva, além de ser “caracterizado pelo surgimento de um sem-número de igrejas autônomas, organizada em torno de seus líderes” (CUNHA, 2007, p. 49)

<sup>3</sup> Nego Bispo (2015) se refere ao Brasil como terras pindoramicas, ou Pindorama (que significa região das palmeiras, em Tupi), em respeito ao nome dado aos ameríndios do território hoje compreendido como a Bahia

dentre elas a religião, que, constantemente revisitada, marca as experiências dos sujeitos e seus contextos sociais (PITTA, 2017).

Dentro das comunidades religiosas as imagens sempre estiveram presentes como uma forma de comunicação, indo além das representações, sendo também dispositivos do sensível, catárticas, (in)passivas a experiências de imersão sensíveis do fiel contemplador (MAYER, 2018). Nesse sentido, a imagem é “eterna”, ela não desaparece, apenas se aprofunda na memória coletiva para mais tarde emergir em um campo sensível acionado em diferentes contextos, compondo um campo pluridimensional (DUARTE, 2019, p. 62). Uma imagem pode ser esquecida no caos mental humano e voltar a surgir anos, décadas ou milênios depois, ainda mais potente que da primeira vez.

Tendo isso em mente, nota-se ser possível a composição de uma imagem que mescla a contemporaneidade de uma imagem “massificada” e a imaginação milenar de uma cultura marcada pelo sagrado. São imagens que de forma alguma ficaram dormentes, mas, que foram reapropriadas por uma comunidade diferente, comunidade essa que se apropriou de dadas estruturas mentais e dela estão moldando seus sentidos. Estamos nos referindo às representações de uma imagem neopentecostal que se mesclam ao judaísmo hebraico do antigo testamento.

Originalmente os grupos pentecostais e neopentecostais não possuíam hábitos judeus, mas, partindo desse imaginário “dormente” de um passado religioso comum (tendo em mente que seu livro sagrado, a bíblia, tem forte conexão com a cultura hebraica), torna-se possível que essa comunidade acesse essas imagens e as materializem em suas dinâmicas com o princípio não apenas de uma composição estética, mas sim um rearranjo sensível onde a imagem é recolocada dentro de um campo de sentimento comum ao grupo.

Imagens que incorporam uma sensação ancestral, que aglutinam as experiências de emoções diversas, que ressurgem tempos depois em configurações emocionais coletivas próprias do momento, em ressonância com as circunstâncias históricas e dos suportes técnicos disponíveis. Essas reaparições nas suas mais diversas formas passam a estruturar os conjuntos de repertórios mentais que milhares de anos depois são apresentados e analisados em sistemas teóricos que alicerçam filosofias, terapias e reflexões científicas. Epistemologias distintas com nomes e conceitos diferentes conseguem perceber o mesmo fenômeno: um potencial recorrente do pensamento de se expressar através de imagens pluridimensionais. (Duarte, 2019, p. 62)

O que parece ser uma interpretação “fora de eixo” trata de um resgate das potencialidades desse campo “esquecido”. Estamos diante de um imaginário de uma comunidade que está construindo-se na contemporaneidade, sem fugir dela, e resgatando elementos significados de uma outra comunidade ainda viva, mas que no passado separou-se dessa corrente. Pode-se dizer que elas, as imagens, só se fazem presentes porque elas são, elas se fazem presentes porque já foram parte do imaginário dessa comunidade, sem que jamais deixassem de ser. Elas são hoje o presente porque são o passado que jamais deixou de ser presente.

Nos adentrando no campo do imaginário, entendemos que o imaginário, como parte da existência humana, é marcado pelos processos de atribuição de significados, sejam eles sociais ou históricos, “indo bem além da funcionalidade dos atos ou objetos” (PITTA, 2017, p. 18). Ele, o imaginário, é capaz de dar sentido à vida em coletividade, atrelando experiências sensíveis a razões e causas complexas (CUNHA, 2013, p. 53).

É dentro dessa formação de sentidos e ordenamentos que as imagens são pensadas para além de uma apreensão visual das experiências, elas se tornam uma elaboração da realidade existencial que se mune de um acervo social e pessoal para dar sentido às experiências de vida, que muita vez não tocam na superficialidade discursiva, mas são vividas intensamente no plano do imaginário imagético (DUARTE; SEVERIEN, 2018). Nesse sentido, não se é possível pensar uma imagem fora do que o sujeito/coletivo experimenta em suas vivências sociais e pessoais, o imaginário é então fruto das ferramentas a ele estão dispostas (MAFFESOLI, 2001, p. 81 Apud CUNHA, 2013, p. 59).

A imagem tem o poder de dar vazão à imaginação dos sujeitos. O imaginário e a imagem são potências interligadas que não podem nem devem ser classificadas como métodos analíticos que eliminam a experiência imersiva do sensível. O homem pode conversar com os seus, e com o sagrado, através de suas artes, de suas manifestações (in)conscientes de emoções e sentimentos, e ainda assim jamais o fazer em palavras. Uma imagem é capaz de comunicar aos deuses e aos mortais sem que essas mensagens sejam mensuradas em um discurso a nenhum desses interlocutores.

Desse processo em que a imaginação é feita sem jamais tocar a materialidade

discursiva racional, Duarte (2019) cunha o “pensamento por imagens”. Essa concepção consiste em pensar que “A dinâmica do pensamento por imagens é uma operação cognitiva com sua lógica própria. Trata-se de um processo ou faculdade de adquirir um conhecimento por bases que remontam ao convívio humano antes da linguagem escrita.” (DUARTE, p. 66). É dentro da lógica do pensamento que imagem que se pode pensar sem que para isso camadas de racionalidade objetiva sejam acionadas é possível que a imagem seja indizível e ainda assim vivenciada pelo sujeito. Essa experiência sensível se manifesta em vários momentos e situações da vida, sejam pela leitura de uma imagem que imediatamente desperta sensações outras e ou mesmo pelo sonho. A exemplo o sonho,

A sensação que se vive no sonho e depois a tentativa de contar esse sonho. Um sonho pode nos ocorrer como uma história concatenada, com começo, meio e fim, mas frequentemente a lembrança que temos dele quando acordamos é uma multiplicidade de fragmentos de imagens-sensações. Quando tentamos rememorá-los, criamos o encadeamento narrativo necessário para contá-los claramente. Mas ocorre, muitas vezes, que o efeito das imagens no sonhador, as emoções que despertou, não conseguem ser transmitidas na narração que fazemos para terceiros. O outro que nos escuta compreende a narração, compartilha das ideias, mas não consegue ser afetado pela mesma força que as imagens tiveram sobre o sonhador. Às vezes surge uma grande frustração por tentar, na narração, reproduzir no outro a força do acometimento das imagens (IDEM, p. 63)

Assim como nos sonhos as experiências com o sagrado o fazem de forma indizível. As palavras parecem se repetir para englobar uma experiência sensível em um bloco de sensações, mas, elas parecem não traduzir a experiência imersiva do sujeito com seu deus. Desse genuíno sentir que se faz por imagens e sensações, o sujeito comunga algo único, individual e por si só impossível de traduzir.

Essa presença oblíqua do Espírito Santo acompanha uma compreensão já muito difundida do corpo como um receptáculo do poder divino, vindo à materialidade através do ritual com o sagrado. Trata-se uma presença que evoca sentimentos, sentidos muitas vezes incompreensíveis se vistos à luz de uma lógica positivada que busca ordem causal sem levar em consideração o campo sensorial psíquico. Esta é uma “das características mais proeminentes das igrejas pentecostais/carismáticas é o seu apelo sensorial.” (MAYER, 2018, p. 16). Discordando das concepções clássicas weberianas, Mayer (2018) traça uma ligação entre a experiência sensível e a religião pentecostal, para a autora a religião pentecostal não vê na materialidade um problema ou uma forma de afastamento de Deus, mas, antes disso, uma forma de cativar e difundir o sagrado. A

imagem e a representação são partes, não do sagrado, mas sim de sua comunicação. O imaginário dessa comunidade abraça as imagens e as vê como uma possibilidade de catarse e comunicação entre o sagrado e o humano através do despertar das emoções.

## 2. A imagem do “judeu” neopentecostal

### 2.1. O campo neopentecostal

Antes de adentrarmos em uma abordagem propriamente dita do campo estético e sensorial neopentecostal brasileiro, precisamos entender o que mudou, o que possibilitou a associação de uma comunidade à outra em níveis de imagem, imaginário e sensorialidades. Cunha (2007) define esse movimento como a “explosão” gospel. Até meados do fim do século XX a cultura pentecostal era marcada por um grupo que se dizia “crente” na palavra (daí a popularização do termo “crente” como definição genérica dos sujeitos protestantes no Brasil), esse cenário começou a mudar quando os pentecostais e evangelistas (ou *evangelicals*) americanos chegaram ao Brasil. Vindos da América do Norte, os primeiros pentecostais trouxeram consigo uma cultura evangelizadora voltada para as práticas do Espírito Santo (tal qual a glossolalia). Esses movimentos foram divididos em oito frentes, cabendo a nós uma interpretação de sua mais recente fase, a quem a autora chama de neopentecostalismo (CUNHA, 2007, p. 15).

Desde a chegada ao Brasil até o presente muito mudou no culto e próprio pensar pentecostal. Em sua terceira onda, o Neopentecostalismo, foram acrescentadas a teologia da prosperidade, a cura e a guerra espiritual foram revisitadas e mesmo as emoções e a magia parecem ter ressurgido (ALMEIDA, 1996).

O neopentecostal contemporaneamente uniu-se a teologia da prosperidade sobre o imaginário de um “povo eleito”, que comungam com o sagrado e “reconstroem” uma religião templária, centrada numa nova aliança com o Espírito Santo, superando a teologia mosaica histórica. Elaborar-se então uma teologia onde a pobreza e as desgraças são sinais de carência de comunhão com o Espírito Santo, logo, imagens de abundância, fartura e bênçãos são associadas ao imaginário dessa comunidade, e junto a ela vêm as noções de reinado, belicismo e disputa por riquezas.

Uma atenção à letra das canções e às posturas assumidas em relação ao culto leva à percepção de que há uma utilização ideológica da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém, com a reconfiguração de elementos e imagens retirados dos relatos do Antigo Testamento. A tradição é utilizada para se reconstruir, no século XXI, uma noção de religião templária, intimista, centrada no louvor e na adoração, que se contrapõe à teologia mosaica, e cristológica, do pastoreio e do serviço à comunidade. É elaborada uma teologia da realeza, do poder, do domínio, da guerra, da seleção, da hierarquia, que pode ser partilhada na terra. (CUNHA, 2007, p. 186-187)

Há então o uso de elementos e expressões-chave retiradas do Antigo Testamento que “passam a representar o tipo da prática e de qualidade da relação dos fiéis com Deus: Deus ou o Senhor identificado como “Rei”, “Senhor dos Exércitos”, “General” e relacionado a “poder” [...]” (CUNHA, 2014. P.4). Esses elementos parecem se espalhar pelo imaginário neopentecostal e se ramificar em lugares outros, como é o caso do grupo musical “diante do trono” ou mesmo as telenovelas bíblicas com “Rei Davi” e “Os 10 mandamentos”. Mas, esse imaginário não se limita apenas a essa imagem de poder/riquezas, há também o uso de imagens, traços e linguagem própria dos judaísmos/hebraico, como o objetivo de retomar uma “pureza” perdida com o passar do tempo. Começa-se a usar palavras em outras línguas, sua grafia e estética também são outras, e se aglutinam ao português brasileiro em significado, tornando-se uma identidade visual com a qual pode-se acessar o sagrado em seus sentidos significantes.

## 2.2. As imagens sensíveis

Como dito já na introdução do presente estudo, buscamos nas imagens não um reforço à hipótese, mas sim, o que elas nos fizeram sentir. Durante o processo de construção do presente texto, bem como leitura de textos ou o consumo de imagens disponíveis no site da própria Igreja Universal do Reino de Deus (<https://www.universal.org/>) optou-se por trazer para o estudo as imagens que me despertaram curiosidade, ou mesmo descrença, sobre o porquê de elas comporem esse imaginário. As imagens estão organizadas não para ilustrar, mas sim para despertar. Dentro de seus contextos elas comunicam um sagrado, elas são parte do imaginário ainda em construção dessa comunidade, mas, para um agente externo, assim como eu, elas podem ter significados ainda limitados.

Em seu livro Didi-Huberman (2016) traz uma série de imagens que neles despertaram a emoção do pesar/choro, as imagens não foram ali orquestradas para

consolidar sua argumentação, mas porque, por si só, elas possuíam uma potência emocional tão forte que seu discurso não as compreenderia em plenitude.

acontece com frequência que uma emoção nos tome, nos toques, sem que saibamos por que, nem exatamente o que ela é: sem que possamos representá-la para nós. Ela age sobre mim, mas, ao mesmo tempo, está além de mim. Ela está em *mim*, mas *fora de mim*. (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 26)

Nesse sentido traremos a primeira imagem, que para além de uma imagem é uma letra e para além de uma letra é a representação da trindade: Deus, Jesus e Espírito Santo. Sendo essa letra/imagem um símbolo que não deve ser reproduzido, apenas pensado, sendo somente sua pronúncia difundida.

Imagem 01: A trindade de Deus



Fonte: Universal

Em seu texto, a Igreja Universal do Reino de Deus, define que “essa letra, no hebraico, é ש, a qual de uma única haste saem três galhos – um se divide em três. Deus é Trino. [...] Tudo está implícito: 3 em 1, ou 1 em 3 manifestações”<sup>4</sup>. O uso da letra como uma imagem/signo representativa do imaginário de Deus se dá junto a menção a passagem bíblica onde Deus apresenta-se a Abraão como “El Shaddai”, sendo a letra/imagem correspondente a pronúncia “sha” e assimilada a trindade celestial (Deus, Jesus e Espírito Santo). Tal imagem não deve ser associada a uma expressão linguística corrente, mas, sim, a sua imagem em si. E, aqui temos um traço comum essa hibridação, onde as palavras “El Shaddai” são amplamente usadas em discursos comerciais, dando nome a estabelecimento comerciais, roupas, etc. mas a grafia da palavra em hebraico

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/a-trindade-de-deus/> com acesso em 28 de janeiro de 2020

não é usada, pois seria um uso indevido do nome/imagem de Deus.

Há ainda outras formas de retomada do imaginário histórico “dormente” do judaísmo hebraico dentro dos ritos comunitários neopentecostais. É comum nos cultos que hajam os “levitas”, músicos que tem por função trazer alegria e evocar a magia do culto (MAGALI, 2014). Não raros é o uso de Shofar, um instrumento de sopro originalmente feito de chifre de carneiro e adaptado à chifres de outros animais como búfalo e demais bovinos. O Shofar é usado então não como um instrumento musical por si, mas sim, um instrumento que remete as “trombetas” que serão ouvidas no crepúsculo da humanidade.

Imagem 02: Convite para a benção dos Shofar



Fonte: Igreja Universal do Reino de Deus

A imagem/convite retirada do próprio site da IURD conta com o discurso e a imagem do instrumento, sendo esse convite uma chamada não apenas para o culto, como também para o jejum, em um noção que aquele chifre, assim como o fizera em tempo bíblicos, será um instrumento de benção, e ele despertará e intensificará bonanças aos sujeitos.

Essa Judaização (CUNHA, 2014; CAMPOS, 2016) se dá em tamanha expansão

que até mesmos elementos pátrios são usados na composição dessa imagem, “De forma curiosa, a busca de símbolos relacionados ao Antigo Testamento foi ampliada para símbolos relacionados ao povo de Israel, a ponto de a bandeira do Estado de Israel contemporâneo passar a ser incluída nesta coleção.” (CUNHA, 2014, p. 07).

Imagem 03: Bandeiras do Brasil, E.U.A. e Israel



Fonte: Eraldo Peres/ Yahoo notícias

Um fenômeno curioso vem se estabelecendo na relação entre a bandeira de Israel, o patriotismo e o então presidente do Brasil Jair M. Bolsonaro (sem partido). Durante sua campanha eleitoral, o hoje presidente eleito, era constantemente visto usando (ou próximo) às bandeiras brasileiras, norte americanas e israelenses (imagem 03), o que para Mayer (2018) é perfeitamente compreensível, pois, política e estética são parte de um todo sensível, “a estética não é oposta à política, mas sim uma parte inalienável da mesma.” (MAYER, 2018. p. 34).

Como se faz perceber, as imagens não são acionadas com o intuito de serem apenas vistas/apreciadas, mas, sim, de despertarem sentimentos. Ao ver a letra “shá” em hebraico um sujeito que partilhe da cultura neopentecostal brasileira é capaz de remeter essa imagem a outras sessões, sejam as emoções do culto, a própria trindade ou outras imagens que ele tenha experimentado durante sua vida. Esses estímulos sensíveis estão situados dentro de um bloco sensorial que não ignora a forma, assim como não ignora a essência, tratando a imagem e o imaginário como uma parte importante na composição da experiência do sagrado.

Há ainda a imagem do pastor de uma das maiores congregações neopentecostais (a IURD) do Brasil, o Bispo Edir Macedo (dono do conglomerado midiático Rede Record) algo que também chama atenção é a mudança estética e performática do bispo, que começou a não só usar dos elementos discursivos e sensoriais que remetiam ao culto hebraico bíblico, como também a usar vestimentas judaicas e comungar com o sacro dessas vestimentas, sem que para isso abrisse mão de vestimentas seculares.

Usando barba longa, sinal de respeito de um homem judeu, *Quipá* (em [hebraico](#) כִּיפָה, *kipá*, "cobertura"), *Talit* (o mando masculino usado em orações), e um terno/gravata seculares, o bispo realiza pregações cujos temas variados voltam-se quase sempre para a prosperidade dos fiéis. Além disso, suas pregações quase sempre se dão diante de, ou próximo a, elementos como a pedra onde foram gravados os 10 mandamentos, a arca da aliança ou o *menorá*<sup>5</sup>

Imagem 05: Bispo Edir Macedo



Fonte: Universal

Nota-se que há um forte apreço às noções, práticas e histórias presentes nos textos bíblicos do antigo testamento. E é através do antigo testamento que se é possível aferir

---

<sup>5</sup> Como se é possível ver, o menorá é parte importante dessa empreitada, sendo ele exposto em um tamanho monumental dentro do templo de Salomão, em São Paulo. É possível também encontrar uma infinidade de informações sobre o templo e o menorá, bem como outros assuntos relacionados ao antigo testamento vivo dentro das tradições Iurdianas visitante o site da Universal (<https://www.universal.org>)

que os membros da comunidade se façam valer das imagens e símbolos hebraicos e judeus; nos parece que esse fenômeno não se dá porque eles os invejam, mas sim porque sentem-se dignos de usá-los como membros escolhidos por Deus para honrar sua missão e desígnios.

Nota-se com isso que não parece haver um esforço na busca desproposita pelo reavivamento dessa imagem de um povo em comunhão com Deus. Se tais caminhos são tomados, eles são, não, só, por uma escolha de mercado, numa busca por diferenciação de um “produto”, mas sim no próprio resgate daquilo que jamais deixou-se de ser. Essas comunidades, que acionam um imaginário judaizado, não buscam criar para si uma nova narrativa, um novo imaginário ou mesmo uma nova imagem, mas sim, buscam retornar a uma imagem que apesar de dormente permaneceu viva no inconsciente coletivo.

## CONCLUSÃO

Tomo de partida o reconhecimento de que durante todo o texto falo “deles”, desse “outro” criado como uma categoria sobre a qual me debruço. Entendo que estou diante de uma genuína categoria antropológica, de uma emoção latente que desperta e é despertada por imagens e sentimentos. Todavia, não sou um membro desse grupo, posso apenas descrever o que suas imagens despertam em mim diante de um contexto pandêmico a pesquisa restringe-se ainda mais a uma análise da imagem e menos a uma vivência. Essa metodologia que levou em consideração o meu sentir sobre o campo neopentecostal buscou orquestrar as imagens por onde meus olhos repousaram por mais tempo e que me provocaram um efeito de catarse não apenas pela inquietação, como também pela contemplação de como um grupo começa a (re)produzir imagens de outro grupo em sua estética valendo-se de um passado que jamais foi apenas histórico. Inúmeras outras abordagens poderiam ser dadas, mas creio que como um agente externo a religião eu não seria capaz de trazer uma abordagem diferente da que trouxe no presente estudo, pois buscaria entender as razões do sentir/pensar, e não as sentir.

A imagem do neopentecostal, como um fenômeno a caminho de uma imagem hebraica, não se dá apenas como um fenômeno comercializado, cujo propósito é unificar um grupo e o pôr no posto de eleitos, mas sim está situada em meio a um

arranjo, junto a tantas outras, ela é também uma forma do fiel se comunicar com o sagrado naquilo que ele julga ser a fé mais verdadeira. Aquilo que já passou nunca deixou de ser, e por isso ainda o é. As histórias de um Deus bravo do deserto e do seu povo eleito são reais porque já foram, ainda são e assim o serão mesmo após suas mortes.

Noções como a busca por uma autenticidade, a (re)construção de uma memória que ao mesmo tempo em que se volta para o passado vislumbra o futuro e a busca por uma autenticidade estão presentes nessa empreitada. Imagens não são manifestações dadas ao acaso, elas acompanham as dinâmicas sociais, políticas e emocionais de sua época. Como já percebemos, as imagens contam histórias, acionam potentes repertórios políticos e subjetivos, são capazes de tecer sentidos muitas vezes impronunciáveis. Pensar por imagens é compreender que a experiência sensível tem um elemento impronunciável, muitas vezes não conseguimos traduzir aquilo que sentimos e as imagens surgem como esse campo do que não pomos em palavras.

Pouco podemos aferir sobre o futuro dessa imagem construída com o depositar dos fios da tapeçaria do tempo, mas podemos, quase com certeza, aferir que esse passado hoje acionado será lembrado, mesmo após parecer ter sido esquecido.

#### BIBLIOGRAFIA

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** Editora 34. São Paulo. 2016

[CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro](https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17251). **Emoção, Magia, Ética e Racionalização; as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus**. 1995. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. 1995. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17251>> com aceso em 15 de junho de 2021.

CUNHA, Magali do Nascimento. **“vinho novo, em odres velhos”**. **Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso Evangélico no Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.27.2004.tde-29062007-153429. Acesso em: 2021-02-02.

\_\_\_\_\_. **A explosão gospel. Um olhar das ciências humanas e sociais sobre o cenário evangélico do Brasil**. Rio de Janeiro. Muad X. Instituto mysterium. 2007

\_\_\_\_\_. A interseção mídia religiosa e mercado e a ressignificação de signos bíblicos pelos evangélicos. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 01-23, sep.

2014. ISSN 2317-3688. Disponível em:  
<<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/37688>>. Acesso em: 02 fev. 2021.  
doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v3i1.37688>.

\_\_\_\_\_. O lugar das mídias no processo de construção imaginária do “inimigo” no caso Marco Feliciano. **Revista ppgcom – espm, comunicação mídia e consumo**. p. 51-74. 2013

DUARTE, Eduardo. O pensamento por imagens – a aurora das experiências estéticas do homo sapiens. **Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**. p.55-77. ISSN 2525-3166. 2019. disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/985/986> com acesso em 02 de fevereiro de 2021

DUARTE, Eduardo; SAVERIEN, Pedro. A insustentável leveza do deixar de ser. In. **IMAG(EM)INÁRIO. Imagens e imaginário na Comunicação**. Compós. ISBN: 978-85-9458-037-5508. 2018.

GOMES, Edlaine de Campos. **A Era das Catedrais. a Autenticidade em Exibição**. Garamond; 1. ed. Rio de Janeiro. 2011

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5 ed. São Paulo. Loyola. 2014.

MEYER, Birgit. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 13-45 ago./dez. 2018. Doi. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.89858>

Oliveira, D. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. **REVER - Revista de Estudos da Religião**. v. 17(2).p. 119-140. 2017  
doi:<https://doi.org/10.23925/1677-1222.2017vol17i2a7>. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/34128> com acesso em 01 de fev. de 2021

PITTA, Danielle P. Rocha. **Iniciação a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. CRV. Curitiba. 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília. INCTI, UnB, 2015.

TAVARES, A. Severino de Oliveira. Música gospel na Igreja Verbo da Vida: produção, consumo e a corporalidade dos “ministros de louvor”. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 20(3). p. 147-165. 2020. doi:<https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i3a10> disponível em  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/51886> com acesso em 02 de janeiro de 2021